

PROCESSO DE TRABALHO E DINÂMICA POPULACIONAL:  
QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

Leda GITAHI\*

Cheywa R. SPINDEL\*\*

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é iniciar uma reflexão sobre a contribuição dos estudos sobre processo de trabalho para a compreensão da dinâmica populacional.

Estes estudos retomam uma tradição que remonta à revolução industrial (meados do sec. XVIII). Foram os economistas clássicos (e particularmente Adam Smith em A Riqueza das Nações) os primeiros a tratar teoricamente da organização do trabalho no sistema capitalista de produção. A própria noção de trabalho como fonte da riqueza<sup>(1)</sup> surge nesse período de profundas transformações sociais quando de caos advindo da destruição da velha ordem feudal emergem as instituições da nova ordem capitalista tais como a fábrica, a escola, os hospitais, polícia e prisão, os exercícios modernos, a legislação, etc.<sup>(2)</sup>

\* UNICAMP/CEDEC

\*\* PUC/SP/IDESP

- (1) Para os fisiocratas, escola imediatamente anterior, a terra é fonte de toda a riqueza. Para uma análise do surgimento dos "saberes" modernos e do rompimento com a era clássica (sec. XVI e XVII) cf M. Foucault, 1981 As Palavras e as Coisas".
- (2) Sobre os gênesis da fábrica e das novas relações sociais da produção cf. Marx, O Capital, (Marglin, =974) Hobbsbcwn(1983) Sobre o Hospital, Prisão, etc. cf Foulcault A Microfísica do Poder, Vigiar e Punir.

Numa fase posterior da Revolução Industrial este trabalho foi continuado por Andrew Ure e Charles Babbage, Heremy Ben than, defensores da nova ordem. Concomitantemente se inicia toda uma tradição crítica reunindo, conservadores e socialistas (Rus kin, Morris, Carlyle, Owen, ect (Willians 1969).

Mas, a literatura mais importante sobre esse tema vai surgir no do século XIX e no início do século XX, quando as empresas já haviam crescido consideravelmente em tamanho, organizando-se em monopólios. Nestes momentos surgem basicamente duas tradições: por um lado, a obra de Marx, especialmente o Capital, que teve uma forte influência no movimento operário e por outro o trabalho de Taylor que iniciou o movimento conhecido como "administração científica do trabalho" ou "racionalização" que influenciou enormemente a organização do trabalho na indústria moderna.

No entanto, como afirma Erber (1982), a importância da análise do processo de trabalho e da tecnologia para a construção ao esquema analítico de Marx passou frequentemente despercebida até que o recente renascimento dos estudos sobre o processo de trabalho viesse a colocá-los novamente em foco.

Não pretendemos aqui analisar o porque do renascimento destes estudos, mas simplesmente apontar que eles surgem a partir do final dos anos 60 e com o início da crise do modelo de crescimento e de relações político-sociais que se afirmam internacionalmente a 2ª guerra mundial.

Do ponto de vista social, o descontentamento emerge no bojo dos chamados novos movimentos sociais que congregam todo um conjunto de movimentos que vão desde o de 68, os hippies, como o de mulheres, o contra a guerra do Vietnã, as chamadas greves Selvagens e o movimento ecológico, até o movimento pela paz.

Já no interior do próprio movimento de racionalização e de administração científica surge a escola sócio-técnica que

ainda que considerada por Braverman e Palloix, apenas uma nova forma de Taylorismo ou neo-fordismo se propõe como uma mudança radical distinta da anterior ("sel-determination under responsibility" x "direct control").

É interessante observar que muitos dos temas colocados na ordem do dia pelos movimentos sociais se assemelham bastante ao debate travado durante a 2ª Revolução Industrial. A crise atual parece ter em comum com esse momento em que grandes unidades industriais eram implantadas, o caráter de uma profunda reorganização da estrutura produtiva e de redefinição das relações da sociedade com a natureza. Essa redefinição passa diretamente pelas características dos processos de trabalho e não pode ser analisada somente em sua dimensão econômica, mas também em seus aspectos políticos sociais e culturais

## 2. OS ESTUDOS SOBRE "PROCESSO DE TRABALHO"

No que se refere ao processo de trabalho este permaneceu por muitos anos como reduto de técnicos e administradores, voltados apenas para a compreensão e desenvolvimento das técnicas de engenharia de produção e para os métodos de organização do trabalho.

Uma provável causa para este descaso (ERBER, 1982) seria resultado do "longo predomínio do paradigma neo-clássico, onde o progresso técnico era um dado para a empresa e a sociedade, que escolheriam entre os técnicos disponíveis as mais apropriadas ao sistema de preços vigente, segundo critérios de racionalidade técnico-econômica destituída de considerações políticas" e de outras, de qualquer ordem.

Outros estudiosos (FLEURY e VARGAS, 1982) acreditam que o fato da análise social se ter concentrado nos grandes pro

blemas políticos e sociais da sociedade industrial emergente, excluindo do rol de preocupações a prática industrial se deve ao fato da análise do processo de trabalho exigir um conhecimento técnico detalhado das operações realizadas. Segundo estes autores havia duas formas de abordagem, ou duas posturas analíticas. a normativa e típica de Engenharia e Administração e a postura crítica das Ciências Sociais. "DE um lado os que ditam regras e as aplicam a situações reais de trabalho, baseados em critérios e minentemente técnicos, com pouca ou nenhuma reflexão sobre os aspectos psicológicos, sociais ou políticos do processo e de outro lado os cientistas sociais procedem a crítica sem poder entrar no mérito dos procedimentos operacionais".

Porque os cientistas sociais demoram tanto a saltar para dentro do muro da fábrica ou entrar para dentro da empresa?

Seria a compreensão do processo de trabalho mais difícil de ser desvendado do que outras áreas do conhecimento?

Acreditamos que não, pois também na área de estudos sobre família, sindicato e escola os cientistas sociais vem enfrentando problemas da mesma ordem. Esta dificuldade para certos autores (ROCKWELL e EZPELETA, 1983) está no fato de que "muitos marxistas, aceitando o paradigma marxiano, de que os homens fazem sua história sob circunstâncias determinadas, acabaram por não compreender que essas circunstâncias são, por sua vez, vistas pelos homens de uma forma "particular" e o que realmente importa, na teoria e na prática social, é indagar essa particularidade".

No entanto foge à dimensão deste trabalho uma revisão dos estudos realizados sobre o tema ou mesmo uma análise de seus pressupostos teóricas. No entanto gostaríamos de apontar aqui, como pontos para a discussão, algumas questões levantadas, nesta literatura.

Em primeiro lugar, verifica-se um rompimento com o en

foque "tecnista" predominantemente especialmente na literatura dos anos 40-60. Conceitos tais como "desenvolvimentos das forças produtivas" e "progresso técnico" passam a ser rediscutidos e seu conteúdo esmiuçado. A gênese e a história da ciências e da tecnologia, assim como seu conteúdo passam a ser reexaminadas e associadas a reconstituição das relações sociais e ao contexto em que elas são ou foram produzidas, colocando na ordem do dia a questão de articulação, dos conteúdos, e dos limites de variáveis econômicas, políticas, sociais e culturais.

A distinção entre infra e superestrutura na análise das determinações do processo de desenvolvimento social passa nesse contexto a ser questionado sendo retomados os conceitos de relações e de práticas sociais.

Da análise de Marx, recupera-se o conceito de capital como relação social e as teses sobre duplo caráter do processo de trabalho como produção simultânea de valores de uso e processo de valorização, enfatizando o caráter multifacético da interação entre o desenvolvimento das forças produtivas sociais e as relações sociais de produção que se dá através da luta de classes. A análise da passagem de subordinação formal para a subordinação real do trabalho ao capital que revoluciona o próprio modo de trabalho e que se dá através de lutas sociais concretas ilustra essa visão (Gitahy, 1980).

No que se refere à análise das classes sociais estes estudos questionam a redução do conceito de classe ao de posição na produção e enfatizam a heterogenidade e a diversidade no interior das classes sociais, mostrando como é a partir dessa diversidade que se organizam e constituem as hierarquia e a organização dos processos de trabalho no capitalismo. Ao mesmo tempo eles apontam para a importância da articulação entre as relações sociais de produção e de reprodução humanas (estruturas familiares), e do estudo da divisão social e sexual do trabalho.

Ao mesmo tempo tratou de reconstituir na histórica do capitalismo, a genesis das diferentes estratégias ou acumulação do capital, Coriat (1979) mostra que foi com Ford que se explicita de forma clara e sistemática a preocupação e o reconhecimento de que as novas normas de produção e produtividade introduzem uma nova racionalização nas formas de reprodução e reconstituição do trabalhador, ou seja a introdução de novas normas de consumo. Toda a política adotada por Ford, demonstra esta compreensão da metamorfose que sofre o salário, passando de "simples instrumento de estímulo ao trabalho para o elemento básico na reprodução do trabalhador". Esta percepção da "universalização" da mercadoria e nela da dependência, cada vez maior, da reprodução do trabalhador ao circuito monetário, está subjacente na política do "five dollar day" e nos seus discursos e na sua crença de que o produto de luxo desta geração será o de consumo obrigatório da próxima geração.

Na análise do fordismo ele vai mostrar como as mudanças no processo de trabalho estão articuladas com mudanças no processo de acumulação, nas relações sociais de produção e na reprodução da classe trabalhadora. Contudo a articulação, entre a esfera familiar, locus da reprodução e a esfera empresa, locus da produção, precisou aguardar que se desenvolvesse a compreensão de ambas as instituições, são na realidade o locus na qual se gestam num processo interdependente e as forças sociais, que definem a partir do seu cotidiano, as relações entre classes e dentro delas.

Finalmente dos estudos empíricos que tratam de reconstituir os processos de trabalho vigentes no capitalismo emergem os nexos e articulações entre diferentes tipos de processos de trabalho, que aparecem na literatura tradicional agrupados em categorias muito amplas e que não dão conta da sua diversidade tais como mercado formal e informal, setores tradicionais e dinâmicos e até como diferentes modos de produção!

O próprio conceito de trabalho passa a ser reexaminado (Gorz, 1982), assim como a limitação da redução do conceito de trabalho ao de assalariamento. Gorz (1982) introduz a distinção entre a noção de trabalho autônomo e heteronemo e mostra a importância dessa revisão no contexto da crise atual.

No que se refere aos problemas metodológicos estes estudos lançaram mão de toda uma variedade de procedimentos. Eles são geralmente estudos empíricos reunindo dados primários e secundários e muitas vezes em sua fase inicial estudos exploratórios. A multiplicidade dos aspectos que eles se propõem a discutir levam em seu bojo a questão da interdisciplinidade, não só em de seu referencial teórico, como também das técnicas para o levantamento de dados. Como instrumento básico costumam utilizar diferentes tipos de estudos-de-caso".<sup>(3)</sup>

Muitas vezes os resultados empíricos se chocam com a própria visão teórica de que parte o pesquisador, o que leva a todo o um processo de reelaboração das categorias de análise ou ao recurso a procedimentos descritivos.

Uma das dificuldades metodológicas encontradas foi a respeito de como tratar a análise do cotidiano

Todo problema consiste em encontrar (ORTIZ, 1983) a mediação entre agente social e a sociedade, homem e história. Trata-se de um "retour a l'acteur" (TOURRAINE, 1981) numa abordagem "praxiológica (BORDIEU, 1974) de procura das práticas do cotidiano e de incorporar o cotidiano como uma categoria analítica (ROCKWELL e EZPELETA, 1983) e reconstruindo a história a partir dela.

---

(3) Acero, L. (1982) classifica do ponto de vista metodológico estudos-de-caso-encontrados na literatura como "technologically oriented", "typology-oriented", "historically oriented" e "practise-oriented".

Trata-se de uma mudança teórica que implica num problema operacional, para o qual não há uma metodologia pronta e acabada, torna-se necessário discernir do aparente visível, o real dissimulado ou obscurecido pela antecipação do press-posto de comportamentos uniformes deduzidos do perfil das instituições e das ideologias que as mantêm.

Na evolução dos estudos sobre sindicato, escola, igreja, manicômio e processo de trabalho, os personagens destas instituições, objeto de estudo, são analisados, avaliados e compreendidos através da "fala dos outros" (PAOLI, 1982) ou seja através da instituição que os representa, levando a deduções que provaram estar longe do concreto, empiricamente vivido.

Portanto as novas concepções sobre as formas de entender a evolução da sociedade passaram a exigir uma metodologia apropriada, pois as dificuldades persistem as questões se acumulam e os conceitos anteriormente utilizados se tornam obsoletos.

Um bom exemplo que pode ser lembrado no caso é o do conceito de "família operária" utilizado como categoria analítica na abordagem de certos segmentos da classe trabalhadora. O que é família operária? quando os membros da família trabalham, em diferentes setores e em diversas ocupações? Considera-se a ocupação do chefe? Mas o que é chefe? É arrimo de família? Como manter esta falácia se a contribuição do chefe é igual e muitas vezes inferior a contribuição dos demais membros? Não há portanto um "arrimo" de família mas "arrimos" e o plural é em geral engrossado por menores. Como categorizar esta família?

Quando se faz uma leitura paralela das questões pendentes na literatura sobre dinâmica populacional e na de processos de trabalho é fácil perceber a sua convergência e complementariedade.

A temática central dos estudos sobre dinâmica populacio

nal se refere à relação entre população e sociedade, reprodução e sociedade. A temática ao processo de trabalho se refere à maneira pela qual o capital organiza o consumo produtivo da força de trabalho. Nos estudos recentes sobre ambos temas verificamos um movimento de volta ao concreto e a redescoberta da diversidade e da heterogeneidade, realidade esta que se choca com muitos dos conceitos utilizados anteriormente. Nesse processo dos estudos sobre reprodução chegou-se à necessidade da compreensão dos processos de produção e vice-versa.

Pergunta-se por exemplo (MONTALI e PATARRA, 1982) que consequências a relação trabalho-capital traz em termos de des-  
tuir a unidade familiar, enquanto unidade de produção?

Esta é uma questão fundamental que vem desde Engels "ce que la famille retire de son travail, de son jardin et de son bout de champ le capitaliste... le deduit du prix de la force de travail" e da qual Ford, como mostramos, teve uma percepção e uma ação, cujo resultado a nível das forças produtivas da época, contorna a emergência da contradição latente.

A atualidade e importância da compreensão desta evolução nos estudos de processo de trabalho, esta no recrudescimento, sob novas formas e sob um novo patamar das forças produtivas da produção doméstica para o capital. Diversos estudos tem sido aprofundados nesta área. (Abreu, 1984; Spindel, 1982).

No caso da indústria do vestuário em São Paulo, pergunta-se, quais as implicações em termos de processo de trabalho, em indústrias, cuja planta industrial é responsável por apenas 20%, 30% ou no máximo 50% do seu volume de produção, sendo o restante completado pelo sistema de "putting out". E quais as mudanças que podem advir ao nível das relações intra-familiares, o fato de se instalarem, em grande número oficinas de grande porte em pequenas cidades, municípios dormitório, nos quais as alternativas de trabalho remunerado sempre foram mínimas ou inexistentes.

Quais são, por outro lado, as mudanças que se pode esperar quando se expande o sistema de putting-out, abrindo oportunidades de trabalho para mulheres paripassu e dentro de uma conjuntura de crise recessiva da economia, na qual a taxa de desemprego masculina cresce dia a dia?

O trabalho de adolescentes e crianças é outra questão que precisa ser repensada, sobretudo diante das estatísticas que tem mostrado taxas de incorporação de menores no mercado de trabalho urbano crescentes acima do nível do emprego total. Nesta última década, de intensa tecnificação no processo de trabalho, as oportunidades de emprego urbano para a população de 10 a 19 anos se ampliaram muito passando de 2 milhões e 605 mil para 5 milhões e 63 mil, o que equivale a uma taxa de crescimento decenal de 110,0% na faixa de 10 a 14 anos e de 91% na faixa de 15 a 19 anos, enquanto para os adultos a taxa de crescimento foi de 83.2%. Este mesmo cálculo<sup>(4)</sup> quando feito com base nos dados da Lei dos 2/3 para 1970 e RAIS para 1980, ou seja, incluindo apenas os menores registrados, revela taxas de crescimento para o mesmo período bem mais intensas. O que equivale dizer que os setores dinâmicos de economia ou os mais capitalizados, incorporam aos seus quadros, de forma mais intensa, a mão de obra infantil e principalmente adolescentes. A taxa de crescimento decenal de empregos para menores na faixa de 12 a 17 anos completos, com registro em carteira foi da ordem de 250%. (SPINDEL, 1983).

Humphrey e Hirata (1984), a partir da constatação do crescente aumento da incorporação da mulher à indústria manufatureira, vão estudar a divisão social do trabalho e seus efeitos para percepção que os trabalhadores tem da discriminação, através

---

(4) O grau de comparabilidade entre os dados do Censo Demográfico e os do Ministério do Trabalho (Lei 2/3 e RAIS) fica um pouco prejudicado por não ser possível desagregar no censo a faixa etária de 15 a 19 anos, incluindo-se portanto, no cálculo, as populações adultas nas idades de 18 e 19 anos.

de um estudo-de-caso em uma indústria eletrônica em São Paulo.

Em "Vidas Salgadas", Marília Faria (1984), trata de reconstituir a sua divisão de Macau cidade, via análise do processo de trabalho como a compreensão de Macau passa pela análise das mudanças nas formas de produzir o sal e de suas relações com o cotidiano e o quadro de vida dos trabalhadores e suas famílias.

Finalmente Geraldo Muller (1984), através de análise de transformações recentes na agricultura brasileira enfatiza a importância das políticas para o setor e seus efeitos sociais, além de colocar em discussão o conteúdo da distinção rural/urbano na conjuntura atual.

Os estudos apresentados nesta seção da ABEP são um exemplo dessa abordagem e apesar de ainda serem estudos pontuais fornecem elementos para a compreensão do desenvolvimento brasileiro a partir da última década.